

Rivière D'Arc, Hélène (org) - **Portraits de Bahia: Travail et Modernisation dans quatre régions agricoles d'un État du Brésil.** Paris: Collection Brasilia, ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1987.

**Retratos da Bahia** é a sexta publicação da coleção Brasilia, que teve início em 1981 com o livro de Sérgio Miceli **Les Intellectuels et le Pouvoir au Brésil (1920-1945)**, seguindo com Guy Martinière, 1982, **Aspects de coopération franco-brésilienne: Transplantation culturelle et stratégie de la Modernité**, Maria Andréa Loyola, 1983, **L'esprit et le corps: des Thérapeutiques populaires dans la banlieve de Rio**, Fernando Henrique Cardoso, 1984, **Les idées à leur Place: le concept de Développement en Amérique Latine**, Celso Furtado, 1987, **Le Brésil après le Miracle** e prevê, para breve, Héglio Trindade, **Brésil: Le temps du Fascisme**. Desse modo, a Coleção Brasilia vem perseguindo seu objetivo de divulgar, na França, obras de cientistas sociais brasileiros, bem como de tornar mais conhecidos os trabalhos de pesquisadores franceses que contribuem para o conhecimento do Brasil. Este é o caso desses **Retratos da Bahia**, produzido, principalmente, por pesquisadores franceses.

Christian Gros, Hélène Rivière d'Arc e Hervé Théry responsabilizam-se pelo primeiro capítulo intitulado "A riqueza tradicional: as terras úmidas do cacau"; Bernard Bret, em colaboração com Marie-Dominique de Suremain, assina o capítulo "A irrupção do café no planalto de Conquista", Jean Pierre Bertrand, Martine Droulers e Lena Lavinias produziram os capítulos 3 e 4 que tratam, respectivamente, "Juazeiro-Petrolina: um polo de horticultura no coração do Sertão" e "A frente pioneira de Além São Francisco".

Um livro de quatro capítulos e diversas mãos não poderia deixar de conter assimetrias de estilo e diversidade de ênfase nas dimensões analisadas, ainda mais que cada um deles trata de micro-regiões/cidades específicas com características próprias. Ênfase e estilos distintos, porém, não comprometem a unidade temático-teórica da obra, que é claramente explicitada na introdução e desenvolvida nos capítulos, revelando uma coordenação competente não só na estratégia de levantamento de campo, mas também na de análise e exposição dos dados.

O livro tem como tema central a questão do trabalho e tenta esclarecer como, na Bahia, os mercados de trabalho que se criam em torno de afinidades modernizadas influem na gestão da mão-de-obra, criam categorias sociais e novas relações de trabalho. As hipóteses gerais que orientaram o estudo são: **1.** que existe no Brasil e, particularmente, na Bahia, o equivalente daquilo que, na França, identifica-se como **pays**: espaços relativamente pequenos dedicados a uma atividade produtiva principal e, geralmente, centralizados por uma cidade que controla a valorização dos recursos regionais; esses espaços corresponderiam aproximadamente, segundo seus autores, às micro-regiões homogêneas do IBGE; **2.** que a organização desses pequenos espaços é feita por centros urbanos regionais. Supõe-se, então, que as formas de organização do trabalho rural são, frequentemente, determinadas por proprietários citadinos não se reconhecendo, **a priori**, ruptura entre os mercados de trabalho urbano e rural, e colocando como problema de investigação as passagens e combinações entre os dois setores.

O levantamento de dados foi feito em 1983 e 1984 em quatro regiões agrícolas do Estado, diversas do ponto de vista da atividade dominante e vinculadas às cidades de **1.** Ilhéus e Itabuna; **2.** Vitória da Conquista; **3.** Juazeiro e Petrolina; **4.** Barreiras.

Desse modo, foram cobertas: regiões de cacau, onde a acumulação na agricultura é dominante e justifica a abordagem das relações de trabalho em termos de oferta/demanda; perímetros irrigados do vale do São Francisco onde as formas híbridas de trabalho ou a simples monetarização são abordadas pela análise de cada tipo de exploração, por ramo de atividade ou por micro-espaço geográfico; novas zonas de cultura do café, de ocupação antiga e que recorrem intensamente à mão-de-obra temporária; região pioneira, com investimentos produtivos capitalistas e demanda reduzida por mão-de-obra dadas a grande mecanização e a pecuária, onde o mercado de trabalho é analisado através da justaposição de diferentes sistemas de produção.

Em cada um dos casos o papel do Estado é analisado através do exame da intervenção de órgãos públicos e seus efeitos nas transformações das relações de trabalho.

O conjunto dos estudos mostra uma intensa mobilidade espacial do trabalhador e uma generalizada precariedade de suas condições. Por outro lado, mostra também uma enorme variedade de formas de trabalho que, muitas vezes, são encon-

tráveis em um mesmo indivíduo: assalariamento parcial ou "incompleto", assalariamento estrito sob contrato, trabalho camponês. A alternância de trabalho na cidade, frequentemente no setor informal, e no campo, fenômeno que vem sendo designado por "rurbanização", expande-se.

Os autores concluem que, com formas variadas e ritmos diversos, a lógica capitalista se impõe e transforma relações sociais. Não no sentido da destruição de padrões tradicionais e sua substituição por relações simples entre empregado e empregador, mas no de uma complexa rede de novas combinações, diferentes segundo os casos, isto é, segundo a produção dominante e a antiguidade de sua implantação.

O papel do Estado, de coordenador da modernização, segundo os autores, é fundamental. Sua ação pode variar desde a definição precisa de estruturas novas que vão possibilitar os mecanismos capitalistas até o enquadramento técnico e apoio financeiro: "sob formas variadas e com intensidade desigual o Estado age sempre onde as 'coisas se mexem' na agricultura baiana, seja criando mecanismos de mercado, seja orientando e sustentando o capital privado".

Trabalho bem apresentado, articulando questões teóricas a um lavantamento cuidadoso de dados, o livro coordenado por Hélène Rivière D'Arc traz, sem dúvida, contribuição relevante para a compreensão da modernização da agricultura brasileira. Somando-se aos estudos que ora se fazem no Brasil e que evitam tanto o voluntarismo teórico como a imersão exaustiva e desorientada em casos concretos, **Portraits de Bahia** dá uma lição de como e para que se faz pesquisa.